

Síntese - Rev. de Filosofia
v. 39 n. 123 (2012): 143-152

GORCZYCA, JAKUB, *Essere per l'altro. Fondamenti di etica filosofica*, Collana Philosophia 3, Roma, Gregorian and Biblical Press, 2011, 270pp, ISBN: 978-88-7839-194-9.

Ser para o outro, *Essere per l'altro*, é o título do terceiro livro da coleção *Philosophia* editado pela *Gregorian and Biblical Press*, da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Este livro, do professor de ética filosófica da PUG Jakub Gorczyca, quer apresentar um caminho para, como o autor mesmo expressa no título, buscar os fundamentos da ética filosófica. Fruto de vários anos de meditação e docência, o livro apresenta uma perspectiva acerca dos fundamentos da ética muito devedora da grande tradição tomista, mas também das argumentações de autores provenientes da fenomenologia como, por exemplo, Max Scheler e Paul Ricoeur. O livro, seguindo a tradição clássica, possui como ponto de partida a pergunta ética fundamental: como viver bem? A partir deste início surge necessariamente a pergunta: de que depende a bondade da minha ação? O percurso, então, vai da experiência ética, passando por sua descrição fenomenológica, para aprofundar-se com uma interpretação metafísica. Todo o esforço especulativo do autor é o de mostrar que, superando o egoísmo, a guerra de todos contra todos e a luta pela sobrevivência, o ser

humano encontra-se, primeiramente, aberto ao outro. É na abertura ao outro que o homem constitui sua humanidade e manifesta verdadeiramente seu amor ao próximo: "Ser e agir para o bem do outro, vendo nele o próximo e fazendo-se próximo até a morte: eis a essência da vida verdadeiramente humana e humanamente boa" (p.7).

O primeiro capítulo do livro é uma "Introdução Metaética". Nesta parte o autor começa elucidando alguns termos importantes para a compreensão do leitor como: metaética, ética, moral, ética setorial, filosofia prática, práxis e normas éticas. O autor define a ética "como uma disciplina filosófica que indaga o ser e o agir da pessoa humana do ponto de vista do bem e do mal moral" (p.17). A partir deste princípio, ele mostra como "o trabalho filosófico será o de individuar através de um raciocínio rigoroso a essência da verdadeira felicidade e de mostrar em que modo os homens podem atingi-la" (p.19). Além de apresentar neste capítulo uma rápida rememoração filosófica da ética, ele apresenta também sua "inspiração eurística", não como elemento de argumentação filosófica do discurso, mas como experiência fundamental que contribui para a reflexão filosófica. Isto porque, para o autor, o pensamento filosófico não começa do nada, a partir de um ponto neutro, mas

ele está sempre marcado por uma determinada tradição e suas circunstâncias históricas. Assim, sua inspiração eurística é a experiência moral cristã, inscrita no exemplo bíblico do “Bom Samaritano”, que pode oferecer uma contribuição para a busca filosófica. Este exemplo é importante porque nele o autor encontra uma experiência ética fundamental: a do encontro com o outro. Segundo o autor: “A realização do bem moral na situação do encontro do outro e com o outro pode servir-nos como indicação da direção para a pesquisa filosófica sobre a essência do bem” (p.31). Ainda neste capítulo o autor descreve a importância, para a reflexão filosófica, das ciências, da literatura e dos desafios advindos da pós-modernidade.

O caminho filosófico, ou método, do autor, parte da experiência como “imediate consciência do sujeito daquilo que é dado à sua consciência” (p.46), é a experiência vivida (*Erlebnis*). Neste caminho o primeiro passo será o de “individuar a estrutura dos fenômenos morais”, bem como clarificar e compreender seus significados. No entanto, estes fenômenos morais, segundo o autor, nunca se dão à consciência humana puros, eles sempre são colhidos através de pré-compreensões, ou seja, através de mediações culturais e históricas. O trabalho filosófico será, propriamente, o de purificar os fenômenos de tudo aquilo que pode obscurecer o seu verdadeiro significado. Este é o procedimento fenomenológico adotado pelo autor em sua pesquisa filosófica. Nesta pesquisa ele, a partir de sua descrição fenomenológica dos dados da experiência ética, quer encontrar uma indicação crítica eticamente fundada que lhe possibilite “buscar o fundamento último do ser e do agir” (p.47).

A partir do caminho proposto, o segundo capítulo tem por título: “Fenomeno-

logia da experiência ética”. Este capítulo começa partindo da experiência da vida do ser humano no mundo e do evento do encontro com o outro que constitui as relações humanas, para analisar o fenômeno do bem moral com central no discurso ético. Para o autor, as relações interpessoais são o lugar originário da aparição do fenômeno do bem moral: “o bem moral nasce entre os homens e os homens nascem, vivem e morrem no mundo” (p.49). Ora, o ser humano, vivendo no mundo, ao mesmo tempo constrói este mundo através da cultura e da história, em suas relações interpessoais, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Por isso, o evento do encontro com o outro, a presença do outro, modifica o nosso modo de pensar e agir. Sendo assim, o autor não se cansa de repetir que a presença do outro é uma presença eticamente significativa. O exemplo paradigmático deste evento é a parábola do bom samaritano. O bom samaritano ao encontrar-se com o outro, desfigurado, maltratado, esquecido, encontra-se na presença de um rosto.

Ao lembrar-se do rosto do outro o autor não poderia deixar de fazer seu percurso especulativo em diálogo com Lévinas. Com Lévinas ele elucida o essencial vínculo de responsabilidade que advém da epifania do rosto do outro: “No evento do encontro, o sujeito descobre sua ligação ética com o outro e torna-se consciente da sua responsabilidade para com ele” (p.53). A significação ética do rosto do outro que se dá como enigma é parte da argumentação neste capítulo. Significação que abre o ser humano à responsabilidade fundamental de acolhida, hospitalidade e diaconia. Será a partir desta realidade ética que o autor aborda temas importantes como o bem absoluto, o dever incondicionado, o mal e a culpa, o desejo agatológico, o drama

ético, a fragilidade do bem e a dimensão narrativa da vida humana.

Com o caminho preparado pelas direções anteriores, o autor aborda os temas que, inicialmente, ele tinha apontado como importantes. No terceiro capítulo a argumentação gira em torno das várias concepções filosóficas do bem moral. A constituição dos valores e das normas morais, bem como a lei moral natural e o direito da pessoa são temas do quarto capítulo. A consciência moral é estudada no quinto capítulo em constante diálogo com autores como Tomás de Aquino, Jean Piaget, Lawrence Kohlberg, Jacques Maritain e John Henry Newman. Com Joseph de Finance, o autor analisa no sexto capítulo as características do ato humano, seus condicionamentos, suas fontes e suas determinações. Para encerrar, no sétimo capítulo, o autor estuda as virtudes.

A reabilitação das virtudes ocupa um importante papel na ética contemporânea. Desde Max Scheler e Romano Guardini, passando pela filosofia analítica inglesa, Alasdair MacIntyre, Philippa Foot, Elisabeth Anscombe e outros, as virtudes se tornaram, novamente, um tema atual. Na verdade, o que temos aqui é todo um conjunto de críticas à redução da filosofia moral a um conjunto de normas e obrigações, a formulações e análises de conexões lógicas, onde a pergunta pela vida boa é colocada de lado. Em parte, o retorno à ética aristotélica é um lutar contra o exagero de certas éticas deontológicas e utilitaristas. É um retomar a virtude como elemento central do discurso ético. Na perspectiva do autor, é nesta dinâmica da vida virtuosa que as pessoas, fazendo atos moralmente bons, se aperfeiçoam na virtude e se tornam dom para os outros. “Os valores dos seus atos se tornam qualidades permanentes do seu próprio ser, e com o tempo constituem seu caráter moral, e em

certo sentido, o definem” (p.221). Evidentemente, a perspectiva do autor é aristotélico-tomista, daí os temas que serão trabalhados neste capítulo serem a virtude como disposição do caráter e a virtude como justo meio. Mas, indo além desta perspectiva, dialogando com Dietrich Von Hildebrand, o autor apresenta a virtude ética como resposta à questão do valor. Para o autor a virtude não é apenas o meio termo entre dois vícios, ela “provém de um *eu* qualitativamente diverso, compenetrado de amor, aberto aos valores e responsável pela exigência destes valores” (p.223). Assim, a virtude ética é um modo estável de ser dom gratuito de si. Diferentemente do caráter egocêntrico do magnânimo aristotélico, para o autor, a justa interpretação das virtudes se dá à luz dos valores éticos e do amor. Neste aspecto, apesar de não citar MacIntyre, o autor apresenta uma crítica semelhante. Provavelmente, está igualdade se deve a matriz tomista de ambos.

A perfeição humana que é ser dom, para o autor, acontece na pessoa virtuosa, concretamente, na encarnação dos valores morais. Por exemplo, na fidelidade, na honestidade, na misericórdia, na justiça, etc. Então, o autor já pode definir sua compreensão da virtude moral como: “um modo estável e livremente constituído de ser dom” (p.236). “É um trabalho da liberdade que se conhece e reconhece responsável pelo outro” (p.237). A matriz cristã do pensamento do autor, que no início ele chama de inspiração eurística, aparece novamente ao tratar das virtudes: “caridade é a mãe e raiz de todas as virtudes” (p.239), o homem virtuoso “é sempre mais disponível ao serviço dos outros e ao agir com prontidão em resposta às necessidades dos outros” (p.243), “pela constância e retidão no agir [o homem virtuoso] torna-se moralmente confiável, é aquele com quem se pode sempre contar” (p.243).

Ao apresentar no último capítulo a virtude e o homem virtuoso, o autor quer colocar as bases filosóficas para a construção constante de uma cultura da vida virtuosa. Isto é importante porque ninguém nasce virtuoso. Tampouco conhecer as virtudes é possuí-las. Todos precisamos aprender a sermos virtuosos. Isto acontece quando nos inserimos em uma comunidade que cultiva as virtudes. Para o autor é uma verdadeira educação moral: educação das emoções e paixões, da imaginação e da sensibilidade ética, da vontade, do discernimento e do juízo reto, do conhecimento das normas morais e dos valores políticos (p.245). Talvez com um excesso de otimismo o autor afirma: “Envolvido no drama da existência humana, o homem virtuoso aparece como um personagem espiritualmente *belo*. A sua integração interior e a harmonia entre ser e agir, entre os afetos, a vontade e a razão, entre as palavras e as obras, se manifesta como bela e atraente” (p.243).

Para mim, este excelente livro do professor Gorczyca possui uma dupla função. A primeira é óbvia, estudar os fundamentos da ética filosófica a partir da inspiração eurística vinda do cristianismo e expressa na ideia fundamental de que viver bem significa amar o próximo. A segunda, bem mais importante e difícil, é a de levar o leitor a fazer um itinerário existencial ao ler o livro a partir da pergunta: como viver bem? Pergunta que abre o leitor a outra pergunta: a do sentido da vida humana. Sentido que abre o ser humano ao drama da vida ética, ao não sentido e ao mal moral. Diante disso, o desafio apresentado pelo autor é o de buscar viver a vida boa compreendendo-a como beatitude. Beatitude como fim último do homem, ou melhor, beatitude como um “epílogo sem fim do drama ético humano no mundo” (p.253).

Elton Vitoriano Ribeiro / FAJE

VAZ, H.C.L. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. São Paulo: Loyola, 2011, 183p. Coleção Filosofia; 79. ISBN 978-85-15-03791-9

O que dizer dos textos de Pe. Henrique C. de Lima Vaz (1921-2002), se eles “falam” por si mesmos? São precisos, apontam de imediato o que importa ser reconhecido na Filosofia Grega: traços marcantes, conceitos, diferenças, relações, sua dinâmica própria. Eles evidenciam também o olhar aguçado e sábio de Pe. Vaz a nos mostrar a beleza da cultura grega e, particularmente, a genialidade da filosofia platônica, sob a ótica de sua capacidade privilegiada e eternamente elogiável. Daí ser tanto recomendável como imperdível a leitura dos textos de Pe. Vaz acerca da Filosofia Grega, reunidos em *Platônica*, volume VIII dos seus *Escritos de Filoso-*

fia. Trata-se de textos que foram já publicados pelo próprio autor, dos quais a fonte da primeira publicação se encontra ao final do volume (p. 181).

Os primeiros textos que compõem a obra tratam dos Diálogos *Fedro*, *Fédon* e *Banquete*. O primeiro capítulo, “*Eros e logos*. Natureza e educação no Fedro platônico” traz uma agradável reflexão sobre os diálogos de maturidade de Platão, destacadamente a respeito da teoria do *eros* e da teoria do *logos* no contexto da proposta educativa de Platão, para então colocar em debate o conceito de humanismo e o que haveria de humanismo na filosofia de Platão: justamente a transcendência do humano, o Bem.

No capítulo dois, “A ascensão dialética no Banquete de Platão”, tomando como

base Festugière (1950; 1936), Vaz analisa, sob vários aspectos, a relação entre *eros* e *logos*, intuição e ciência, afirmando uma dialética própria ao *eros* como caminho constante em direção à contemplação da *Ideia*. Por sua preciosidade, tal reflexão vale ser conhecida pelos estudiosos da filosofia platônica.

“Nas origens do Realismo: a teoria das Ideias no Fédon de Platão”, capítulo três, é um texto que discute a terminologia e a relação entre realismo e idealismo na filosofia platônica, defende um “intelectualismo platônico” que culmina na teoria das Ideias, e situa o realismo platônico na realidade verdadeira a ser conhecida pela alma, isto é, no conhecimento ou apreensão da *Ideia*. A riqueza de tal discussão merece ser explorada em detalhes pelo leitor de *Platonica*.

Em “Um novo Platão?”, capítulo quatro, ao realizar uma análise crítica da obra *Para uma nova interpretação de Platão*, de Giovanni Reale, Pe. Vaz traça a trajetória histórica dos estudos da filosofia de Platão das últimas décadas, a fim de situar os pressupostos da Escola de Tübingen em relação às “doutrinas não-escritas”, o que faz de sua análise uma leitura fundamental para interessados, estudantes e pesquisadores da filosofia platônica.

O leitor de *Platonica* encontrará no capítulo cinco o texto magistral: “*Platão revisitado: Ética e Metafísica nas origens platônicas*”. A ética platônica como metafísica da liberdade, a metafísica (ciência do ser) como horizonte da ética, “o conhecimento do ser como norma do agir” (p. 127), eis a temática desse texto que, absolutamente, não se permite síntese e vai além de qualquer comentário. A cada releitura dessa aula inaugural do curso de doutorado em Filosofia da UFMG nos enriquecemos com sua profundidade.

O capítulo seis, “Nas origens da ética. Razão e Destino” evidencia, de imediato, a mudança no modo de ver o homem apresentada pela filosofia de Platão, embora já indicada por Xenófanes. Passa-se do homem preso ao destino traçado pelos deuses, assim retratado nos poemas homéricos, para o homem senhor de suas ações — a moralidade —, portador das capacidades racionais de deliberação e decisão, bem como da livre disposição de si mesmo, assim tratado até mesmo nas narrativas míticas criadas por Platão, debate que será retomado por Aristóteles. A educação pelo *logos* universal, formador da virtude interior e da reta ação, destaca a filosofia socrática em relação à sofística. Isso porque “Destino e Fortuna... passam a girar na órbita da Razão” (p. 139).

Tal interpretação é detalhada em “Destino e Liberdade: as origens da Ética”, capítulo sete, texto no qual o autor resalta já na tragédia a “expressão de um novo *éthos*” (p. 145), expressão da tensão entre vontade humana e Destino, de cuja consciência ou superação emerge o terreno da liberdade. Comentando como isso ocorreria nas tragédias de Sófocles e naquelas de Eurípedes, Pe. Vaz joga preciosas luzes sobre as condições de nascimento da Ética, em um belo texto, que “fala” por si mesmo.

O capítulo oito, “Ética e Filosofia” é um texto magistral, visto que Vaz percorre nele momentos paradigmáticos da história da Filosofia, situando a relação entre Ética e Filosofia, tanto historicamente como nos dias atuais. A propósito da problemática dessa relação nos dias atuais, o autor reivindica que seja reconhecida a relação necessária entre Ética e Ontologia (universalidade do Ser), portanto, uma fundamentação necessariamente filosófica da Ética.

O último capítulo de *Platonica* aborda as relações da filosofia de Bergson com

a tradição, sobretudo com a Filosofia Grega, com o criacionismo bíblico-cristão, com o misticismo plotiniano e com o evolucionismo científico, constituindo mais um momento de reconhecimento da importância da Filosofia Grega para a história do pensamento ocidental.

Reunida pela Coleção Filosofia, recebemos essa preciosa herança de um Filósofo inigualável, que merece constante e profundo reconhecimento em nosso país e para além dele. *Platonica* deve ser leitura de cabeceira

ALBERT, Karl. *Platonismo – caminho e essência do filosofar ocidental*. Coleção Estudos Platônicos. Tradutor: Enio Paulo Giachini. São Paulo: Editora Loyola, 2011, 156p.

A obra *Platonismo – caminho e essência do filosofar ocidental* [*Platonismus – Weg und Wesen abendländischen Philosophierens*] originalmente publicada no ano de 2008 pela WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft) e agora publicada pela primeira vez em português pela editora Loyola, no âmbito da coleção *Estudos Platônicos*, coordenada pelo Prof. Marcelo Perine é uma das últimas obras lançadas pelo Prof. Karl Albert, falecido em outubro de 2008, de importância capital na historiografia filosófica.

A edição que ora se apresenta ao público foi vertida ao português pelo criterioso trabalho do professor Enio Paulo Giachini, reconhecido tradutor de Heidegger, Meister Eckhart, Ursula Wolf entre outros, que apresenta o pensamento do Prof. Karl Albert no melhor do idioma de Camões.

O livro que ora se resenha estrutura-se em três partes: (i) *Antiguidade*, (ii) *Idade média* e (iii) *Modernidade*, nas quais o autor desenvolverá o princípio dire-

de alunos, professores e estudiosos de Filosofia, Teologia, Ciências da Religião e áreas afins. Se Pe. Vaz “escreve difícil”? Responderia Platão: “O que é belo, justo e bom é difícil” e, sendo assim, deve constituir um caminho a ser trilhado por aqueles que não se contentam com o fácil, mas que se permitem ir além e estender o seu olhar “para o alto”.

Maria Dulce Reis / PUC Minas

tor de toda a sua obra, o qual, pode num esforço de síntese ser delimitado como sendo a admissão da filosofia desenvolvida por Platão como “[...] o meio vivo e sustentador do filosofar ocidental” (p.99).

Neste pequeno introito já fica patente que a tese forte do Prof. Karl Albert é a de ler a história da filosofia ocidental como um *conjunto de notas de rodapé* às intuições originais de Platão e do platonismo, tal qual proposto certa feita por Whitehead em sua obra *Processo e Realidade*, notas estas que se dividem em três grandes momentos históricos.

O primeiro conjunto de interrogações que o livro de Karl Albert suscita refere-se à possibilidade de interpretar todo o caudal da filosofia pré-platônica, ou pré-socrática, à luz do platonismo. Para tanto, Albert (p.15) tenta demonstrar a plausibilidade da tese de que é na República (606E-607A) que se inspira a interpretação da tradição que lhe é imediatamente anterior: os primeiros poetas e escritores gregos – *theologoi* -, assim como, Parmênides e Heráclito, os primeiros *phisiologoi*, apenas são compreensíveis pelos indícios legados por Platão e sua sugestiva

interpretação onicompreensiva da cultura grega.

Neste sentido, Platão é o núcleo que orienta a compreensão da filosofia grega, pois a designa como tal e reflete sobre sua essência, focalizando todos os temas que depois dele serão objetos primordiais da história da filosofia, seja em sentido macro, ontologia, cosmologia, ética, metafísica etc., ou em sentido micro, tais como, a ideia do bem, da justiça, do pensar correto, do processo do conhecimento etc.

Ao tematizar a influência de Platão na história da filosofia, Karl Albert mostra-nos como já na antiguidade grega, a filosofia desenvolve-se como uma explicitação das teses platônicas. Este processo atinge seu ápice na linha que vai de Apuleio a Proclo através da mediação do grande Plotino, onde predominam a metafísica do Uno e a filosofia como ascese katártica, *omoiosis pros theon*, tema que será retomado pela grandiosa mística medieval.

O segundo conjunto de inflexões promovidas pelo platonismo situa-se na idade média: inicia-se com Dionísio Aeropagita e consuma-se em Nicolau de Cusa, aquele que se põe entre Hegel e Platão, seja pelo modo de tematização filosófica, seja pela plêiade de problemas sobre os quais se debruça.

Interessante é a tese defendida por Albert (p. 75ss) de que o cerne do platonismo do *mediun aevum* encontra-se na tensão criada já na antiguidade através da recepção e apropriação por Paulo, outrora Saulo, do platonismo; tensão que se consolida com a identificação, estabelecida por Dionísio Aeropagita, entre o Deus que se *diz por muitos nomes*, tal qual Ele se enuncia na Bíblia, *Uno, belo, bom etc.*, e estas mesmas designações apontadas por Platão como atributos das ideias.

E é nesta *confirmação bíblica da teoria do Um* de Platão, apontada por Dionísio, que se situa o ponto de encontro do platonismo, como vazante científico-doutrinal do pensamento antigo, com a idade média, enquanto caudal que transporta as verdades do Cristianismo.

O caminhar do platonismo pelas sendas da idade média encontra já em Agostinho um esboço daquela tendência já apontada por Karl Albert, como tendo sua expressão consagrada em Dionísio, de unir Platão e a Revelação, e que se expressa de modo maximal na identificação agostiniana do *ego sum, qui sum* como o nome divino. Esta nova expressão do platonismo revela-se como uma explicitação da metodologia platônica no seio da doutrina cristã e atinge seu ponto focal na *metafísica do êxodo* expressa por Agostinho na basilar passagem que afirma *Est enim simplex quaero, Est enim verum quaero, Est germanum quaero* (*En. in Ps. 38, 7, apud Albert, p. 84*). A influência de Platão sobre Agostinho, mostra-nos Karl Albert, facilmente se revela nas suas principais obras, *Confissões, A cidade de Deus, Sobre a verdadeira religião*, as quais expressam respectivamente: uma metafísica da experiência interior, uma dinâmica processual desta experiência nos graus da exterioridade (o ser, o conhecimento e a felicidade) e por fim, uma compreensão do cristianismo como a verdade revelada que, de modo quase premonitório, fora anunciada pelo platonismo.

Nas sendas reconstrutivas do platonismo na idade média, Karl Albert filia-se a autores como Josef Koch, J. Hirschberger e W. Beierwaltes, ao incluir Mestre Eckhart como pertencendo ao neoplatonismo medieval e não ao aristotelismo. Com efeito, sua leitura sobre Eckhart centra-se na proposição eckhartiana de que *esse est Deus*,

unindo-se assim, tanto à metafísica do Uno de *Dionísio*, como à metafísica do Ser (na perspectiva do *sum, qui sum* [sou o que sou] agostiniana).

Na transição entre a idade média e a modernidade, Karl Albert indica *Nicolaus von Kues* como aquele que orientará a passagem do platonismo entre estes dois grandes períodos tão marcados por oposições. É será exatamente ao longo de toda a obra do *Cusano* que as oposições serão duramente combatidas, especialmente através dos conceitos de inspiração platônica de *docta ignorantia, coincidentia oppositorum* e Uno. Desse modo, será também com ele que a idade média se consumará, abrindo as portas à modernidade e a uma nova recepção do platonismo.

No percurso de sua obra que se estende do platonismo antigo, passando pelo neoplatonismo e pelo platonismo medieval, até a modernidade e a época contemporânea, Karl Albert nos reconstrói a história da filosofia pela demarcação dos seus principais temas à luz das considerações expostas nas diversas obras de Platão, numa fidelidade fraternal ao *Divus Plato*.

Neste diálogo amoroso com Platão, Karl Albert entende a modernidade como sendo a terceira galeria das colunas platônicas da filosofia. Como não poderia deixar de ser, é com a Academia Platônica dos Medici em Florença, através de Marsílio Ficino, que, segundo ele, o platonismo reinventa-se ao recolocar em novas bases o filosofar.

Ao retroceder até o renascimento na caracterização da recepção moderna de Platão, nosso autor filia-se à corrente de pensadores que, como Henrique Cláudio de Lima Vaz SJ, veem já nesse momento histórico a eclosão do espírito da modernidade. Karl Albert (p.

109ss) aponta Marsílio Ficino como grande tradutor, animador e divulgador do platonismo no renascimento, retomando em forma grandiosa e fecunda o *legado platônico*. É no seio desta herança que o florentino recolhe os temas platônicos da tripartição da realidade (presente em seu Epistolário), da liberdade de Deus (tema por excelência de sua *Teologia Platônica*) e de uma religião universal (tema desenvolvido no livro 14 da *Teologia Platônica*). Eles são apontados por Albert (p. 114ss) como aqueles que permitem a ascensão do platonismo ao cimo das reflexões filosóficas da modernidade.

Dentro desta rememoração do percurso do platonismo na modernidade, assaz interessante é o destaque conferido por Karl Albert àquela escola que se convencionou designar por *platonismo de Cambridge*, ante o fato histórico desta escola ter sido marginalizada e mesmo ofuscada por nomes como Francis Bacon, Thomas Hobbes e John Locke.

A Escola de Cambridge corresponde às pesquisas de professores da Universidade homônima, como Benjamin Whichcote, Henry More, Ralph Cudworth e Anthony de Shaftesbury. Os pontos focais do platonismo desta escola britânica são a admissão da existência de ideias inatas, a reabilitação da teologia nos debates universitários ingleses e a revalorização da vinculação da razão às ideias em detrimento da experiência.

No cume do desenvolvimento do platonismo na modernidade, Karl Albert coloca a recepção do *Divus Plato* pela filosofia clássica alemã. Para tanto, ele reconstrói a apropriação que Fichte, Schelling, Hegel, Hölderlin, Jacobi e Schopenhauer desenvolveram do legado platônico.

Neste processo reconstrutivo, Karl Albert (p.127) identifica a intuição intelectual fichtiana como a emergência, ainda que incôscia, do platonismo na filosofia clássica alemã, especialmente porque ela marca a ruptura com Kant e com a pecha que este atribuiu ao platonismo de ser “o pai de todos os fanatismos relativos à filosofia”, exatamente pela ode que Platão entoa à intuição intelectual em sua Sétima Carta.

Em Schelling encontra Karl Albert diversas formas de apropriação do platonismo, notadamente o método do filosofar por diálogos, a exaltação a Platão no diálogo *Bruno* e a teologia mistagógica defendida por Schelling, entre outros temas. Com Schelling, Platão volta a se inserir definitivamente no cenário da filosofia alemã.

Como representante principal do platonismo na modernidade clássica alemã, Karl Albert identifica Hegel, que, apesar das críticas endereçadas a Platão, notadamente em sua história da filosofia, adota uma tese neoplatônica na base de seu sistema, a *unio mystica*. Em continuação, o autor aborda as filosofias de Hölderlin, Jacobi e Schopenhauer como momentos importantes de inserção e repulsão do platonismo na Alemanha.

No penúltimo capítulo de sua obra, Karl Albert discorre sobre Louis Lavelle e sua relação com a filosofia platônica, especialmente se apoiando nos conceitos de *meteksis* (participação), de níveis do saber, ideia suprema e na relação entre estes conceitos e a noção de Ser. Lavelle, segundo Albert (p. 138ss), desenvolve toda a sua obra filosófica como um discurso no qual interagem Platão, o Cristianismo e a sua própria filosofia da vida, segundo a qual a mística deve ser vivida, numa feliz síntese de tradição e reflexão filosófica.

Heidegger e Gadamer: a respeito da filosofia de Platão é o título do último

capítulo do livro de Karl Albert, e poderíamos dizer, onde o platonismo encontra sua última expressão, não no sentido hermenêutico de *último*, mas apenas no viés cronológico, por serem estes autores nossos contemporâneos.

Heidegger ao recolocar em *Ser e Tempo* o problema da questão metafísica fundamental como o que queremos propriamente dizer com a palavra *ser*, extraindo esta questão do *Sofista* de Platão, insere-se plenamente entre aqueles autores para quem o platonismo é o suporte e o veículo por excelência do filosofar. Karl Albert, no entanto, acusa Heidegger de temeridade ao enfrentar os textos platônicos (p.146) e de se distanciar do platonismo (p.147), mas reconhece que ele despertou um profundo interesse renovado por Platão, ao enfrentar problemas filológicos ligados ao platonismo, o que haveria aberto uma porta para a renovação de tais estudos com frutos, como os que entre outros nos legou Hans-Georg Gadamer.

Gadamer doutorou-se com uma tese sobre *a essência do prazer* em Platão e habilitou-se em Marburg com um trabalho intitulado *Interpretação do Filebo de Platão*, tema que ocupou e fecundou a a sua extensa produção intelectual.

Neste percurso traçado por Karl Albert, que vai da antiguidade à modernidade, pela via da idade média, percebe-se que a tese central do autor, ancora-se na apreensão do platonismo, não apenas como doutrina filosófica em sentido científico ou acadêmico, mas também como fonte de experiência espiritual, capaz de transformar a vida de todo aquele que aceita o desafio de percorrer a trajetória dos diálogos platônicos (cf. Albert, p. 149).

O objetivo central do livro de Karl Albert, como já dissemos, é apresentar o platonismo como “meio vivo e

sustentador do filosofar ocidental” (p.99), que permanece fecundo na atualidade como *objeto de pesquisa científica*, método de *reflexão filosófica* e campo privilegiado de *encontro entre culturas*. Embora o autor desenvolva com brilhantismo os seus argumentos e se utilize de fontes fidedignas na reconstrução da presença do platonismo nos sucessivos períodos da história do Ocidente, há, entretanto, um ponto fraco no seu trabalho. Trata-se da desvalorização dos temas alheios ou contrários ao *cânon platônico*, que Karl Albert menciona unicamente para os desvalorizar, sem dar-se ao trabalho de expô-los pormenorizadamente e de discutir a sua pertinência. No entanto, em que pese este ponto negativo, próprio daqueles que cumprem seu trabalho com paixão, certamente o livro e sua tradução suprem uma importante lacuna na

bibliografia sobre o platonismo, em particular, e sobre a filosofia, em geral, na literatura especializada em português.

Deve-se ainda ponderar ressaltar o belo trabalho gráfico de Edições Loyola que nos oferece oportuniza a tradução no conjunto de numa edição que conjuga com muito bom gosto imagens de afrescos, design gráfico e layout, que tornando a leitura agradável. Parabéns aos responsáveis pela Coleção Estudos Platônicos que aliam o rigor da pesquisa filosófica, presente na obra que ora se resenha, à agradabilidade qualidade da edição, singela e sóbria.

Danilo Vaz-Curado R. M. Costa
UNICAP/PE